

4.6 Museu das Coisas Banais (MCB): A questão do valor posto em xeque e em evidência

Daniele Borges Bezerra

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural;
Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural;
Universidade Federal de Pelotas.
borgesfotografia@gmail.com.br*

Juliane Conceição Primon Serres

*Doutora em História; Professora no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural e Graduação em Museologia;
Universidade Federal de Pelotas.
julianeserres@gmail.com*

Rafael Teixeira Chaves

*Graduando em Museologia pela Universidade Federal de Pelotas, bolsista do Museu das Coisas Banais;
Universidade Federal de Pelotas
rafateixeirachaves@gmail.com*

Resumo: Este artigo discute a atribuição de valor aos objetos ordinários ao propor uma reflexão sobre o “banal” a partir do exemplo do Museu das Coisas Banais (MCB). A criação de um museu virtual de objetos cotidianos, banais, cujo valor maior do acervo é de caráter afetivo, permite democratizar, não apenas o acesso aos museus, virtuais, portanto globais, mas também a formação do acervo: o que se pode ver neste museu é uma memória muito familiar; todos temos lembranças associadas a objetos. Esta proposta permite também valorizar a experiência das pessoas e sua relação com os bens materiais. Ao redimensionar os valores atribuídos aos objetos museais, talvez seja possível afirmar que a política de aquisição de acervo do MCB, embora não trate da materialidade dos objetos, e se utilize de meios de reprodução em massa, permita pensar em um retorno da aura, a partir do vínculo afetivo que conecta objetos, coisas e memórias.

Palavras-chave: Valor. Afeto. Web. Democratização.

Os museus preservam bens culturais considerados importantes para uma sociedade. Porém, por muito tempo, a origem desses objetos foi restrita a determinados eventos e grupos sociais, excluindo os vestígios materiais de grande parte da população, cujas memórias não eram representadas nos museus, fazendo com que, em muitos casos, fossem vistos como locais elitizados, distantes da vida da comunidade. Na maioria das instituições museais existentes, os acervos ainda têm o status de relíquias, assim, o Museu das Coisas Banais buscar preservar

esses objetos, não no sentido material, mas preservá-los no sentido de registrar e discutir seu valor e significados.

A criação de um museu virtual de objetos cotidianos, banais, cujo valor do acervo é afetivo, segue uma tendência da valorização das experiências em detrimento da própria da materialidade, ou uma valorização do imaterial, se preferirmos.

Algumas instituições no Brasil e no exterior vêm trabalhando com esta perspectiva de forma muito exitosa. No Brasil, temos como maior exemplo o Museu da Pessoa (São Paulo), criado em 1991, cujo acervo conta com mais de 16 mil histórias de vida, 72 mil fotografias e documentos e 25 mil horas de gravação em vídeo. No exterior, os museus com essa temática com maior destaque são o Museu da Inocência (Istambul), que trabalha com objetos de afeto, e o Museu dos Corações Partidos (Croácia) cujo acervo conta com objetos referentes a relações terminadas. Todas são propostas inovadoras para trabalhar temas como memória, patrimônio, identidade, afeto. Uma “museologia do afeto”, que pretende aproximar o Museu das pessoas comuns, compartilhar experiências, desenvolver a alteridade.

Coleções

Historicamente os museus são considerados instituições onde se preservam bens culturais, considerados importantes para uma determinada sociedade, que saindo de um circuito econômico ou de uso, passam a compor o acervo dessas instituições, adquirindo valor simbólico (POMIAN, 1984). Considerando que cada época constrói o seu patrimônio (BALLART, 2007), esses bens nem sempre foram os mesmos.

Na Antiguidade, na Grécia mais especificamente, onde teve origem a instituição museu, se preservavam tesouros oferecidos aos deuses; em Roma, presentes, espólios de guerra; no Renascimento, antiguidades, objetos de arte, que formaram as coleções principescas; na Idade Moderna, a esses bens, foram acrescentados outros, os objetos de ciência, além de tesouros de mundos distantes (BAZIM, 1969; POMIAN, 1984; BALLART, 2007; POULOT, 2013), criaram-se museus particulares. A trajetória do colecionismo foi marcada em seu início pelos “gabinetes de curiosidades”, compostos por objetos, exóticos, em sua maioria ou com importância histórica, que vinham de diferentes lugares do mundo (RÉGIS, 2004).

No século XVIII se difundiu a ideia dos museus públicos, acessíveis aos interessados. As coleções aumentaram, os museus se proliferaram.

No século XIX, cada país vai reivindicar seus museus nacionais, paradoxalmente, com acervos, em sua grande maioria, estrangeiros. Até as primeiras décadas do século XX os museus gozaram de enorme prestígio, considerados um instrumento socializador, um templo do saber (BALLART, 2007).

No século XX o museu vai viver seu apogeu e crise, enquanto tornam-se lugares mais democráticos, ao mesmo tempo são mais questionados, mas afinal, para que serve o museu? As críticas partiam da constatação de que, os museus eram lugares elitizados, que conservavam bens relacionados a determinados grupos sociais, que de fato não comunicavam, mas aprisionavam

o patrimônio. Essa crítica é mais forte ainda na América Latina com a difusão da chamada Nova Museologia (SANTOS, 2008).

Apesar das transformações, e essas vem ocorrendo de forma acelerada nas últimas décadas, inclusive com a criação de museus comunitários e populares (VARRINE, 2013), na maioria absoluta das instituições museais existentes, tem seus acervos ainda com status de relíquias, ou porque foram objetos “produzidos por” ou porque “pertenceram a” – alguém importante. São exceções os museus de ciências, arqueologia e história natural, cujos acervos tem outras proveniências e das referidas experiências de museus comunitários, cujo acervo provém da própria comunidade (LERSCH & OCAMPO, 2004).

Em meio a uma nova visão da museologia e com o advento de uma tipologia crescente de novos museus, entre eles os virtuais, e novas coleções, os visitantes do MCB passam a ser “habitantes” do espaço criado pelo museu (DEBARY, 2004, p. 302).

O MCB, ao utilizar a web como meio, interface comunicacional e ferramenta para a difusão, o contato, e a troca de experiências, acredita integrar uma política de valorização das identidades, ao considerar a relação entre as pessoas e os seus objetos/coisas do cotidiano.

Neste caso, o modo clássico de exposição, não existe a não ser como referência. Ao eliminar o método de exposição em vitrines, em que o objeto se torna intocável, o método utilizado no MCB, que faz uso do registro fotográfico e da narrativa escrita e acessível em rede, online, a partir de qualquer dispositivo com acesso a internet, permite dessacralizar o objeto de exposição.

Com relação à materialidade do espaço expositivo percebemos, até o momento, alguma frustração por parte dos visitantes quando sabem que o MCB não existe na forma física. Contudo, as mesmas pessoas, logo a seguir, ficam satisfeitas com a possibilidade de visitar o MCB em exposições físicas eventuais.

Ao evidenciar a importância dos objetos banais para a conservação da memória das pessoas, a partir da sua relação com objetos, atuais, do cotidiano, é possível discutir a afinidade entre objeto e o seu dono; abordar os objetos que são comercializados nos “mercados de pulgas”, os objetos reciclados, de segunda mão, ressignificados; os objetos herdados e os objetos que dizem respeito às nossas escolhas jornalísticas, aos modos como vivemos. Em outros termos, é possível pensar em uma arqueologia do presente. Pensar nos objetos descartáveis, ao mesmo tempo ícones do tempo e metáfora das relações humanas no tempo presente. Objetos que são conservados e valorizados, tanto na forma afetiva de quem guarda para eventualmente recordar quanto na comercialização de nostalgias do ausente, como é o caso das “garrafas vazias” da marca Jack Daniels, comercializadas como “objetos de segunda mão” em um mercado de pulgas na França (DEBARY; GABEL, 2012, p.130). Aqueles objetos que não foram mantidos pela relação de afetividade com seu dono têm, nessas feiras de segunda mão, a oportunidade de entrar num novo “circuito de vida”, em outro contexto, com outra pessoa.

O que leva à escolha do objeto “despretensioso” pelo expectador que passeia pela feira, como eventual comprador? As marcas registradas pelo tempo, pelo uso, pelos deslocamentos, pela utilidade, estopim para a recordação de muitas lembranças vividas em torno e com eles, os objetos.

No caso do Museu das Coisas Banais cada objeto doado, e que passa a compor o acervo do museu, criado de modo colaborativo com a participação do doador, é estímulo à diversidade e à troca de memórias relacionadas aos objetos e coisas que compõem o nosso cotidiano. Com a interatividade da rede, o MCB vem cumprindo um papel social e educativo. O objeto passa a ser um gerador, Bruno Latour lembra que em uma mesma atividade, podemos usar objetos de tempos distintos, como, por exemplo, a furadeira elétrica, que foi inventada há mais de 40 anos, e o martelo, que é um invento com milhares e milhares de anos. No uso que fazemos dos objetos e no uso que o objeto faz de nós nunca estamos no presente puro. (RÉGIS, 2004, p.35).

O MCB apresenta e compartilha as narrativas de pessoas comuns, com objetos “banais”, cotidianos, ordinários, que funcionam como reminders (RICOUER, 2010, p.55-56), ou como diria Jöel Candau “sociotransmissores” (2009, p.52), objetos que participam da transmissão da memória, como extensões do humano. Na maioria das vezes, esses objetos “banais”, aos quais não atribuímos muita importância, mas que cumprem funções cotidianas assumem um estatuto biográfico, como afirma Ecléa Bosi: “mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade.” (BOSI, 2009, p.441).

“Essas touquinhas (Figura 01) foram usadas por minha mãe quando nasceu, pois vi algumas fotos dela quando bebê. Estavam guardadas em uma caixa forrada que penso ser de aparelho de barba de meu avô. Olho e lembro deles dois” (E. G. B. Museu das Coisas Banais, 18 abr 2015).



Figura 1 - Touquinhas. Museu das Coisas Banais, 2015.

São objetos que se incorporam à vida, envelhecem junto com a pessoa e nos rodeiam, criando, como diria Mazzuchi Ferreira (1998, p. 209), uma espécie de moldura social para as lembranças e uma sensação de continuidade.

Mas, além de entender os objetos como potenciais dispositivos para a rememoração e, portanto, estabilizadores em relação ao tempo, é possível pensar os objetos como agentes, objetos feitos de “muitas camadas de significação, exatamente do mesmo modo que as pessoas: compostos de corpo, linguagem, e as suas questões” (LATOUR, 2006, p.342). Sobre a curadoria do seu acervo, o MCB recebe fotografias de objetos e narrativas de qualquer pessoa que tenha o interesse de compartilhar uma história sobre objetos ou coisas que possuem um significado ou “importância” permeados pelo afeto. Dessa forma o MCB exerce uma importante ruptura

com as políticas de aquisição de acervo tradicionais, ao democratizar o seu acervo, tanto sob o ponto de vista do que é exposto, como com relação ao acesso de quem visita, e de onde visita.

“Ganhei este vinil (Figura 2) de uma pessoa muito especial no Natal de 2006. Como é uma das minhas bandas preferidas e uma raridade eu o guardo com muito carinho e apreço até hoje”. (Anônimo. Museu das Coisas Banais, 15 abr 2015).



Figura 2 - Disco de vinil. Museu das Coisas Banais, 2015.

O valor dos objetos no cotidiano

Excertos das narrativas que integram o MCB nos fazem pensar sobre as nossas próprias experiências. São narrativas carregadas de memórias que apresentam em comum um forte vínculo afetivo, com nenhuma ou pouca valoração econômica, e nem sempre vinculado a um objeto material, mas à referências materiais. O amor que ainda vive na dedicatória escrita no primeiro livro de francês; a maternidade, ou a vida reavivada pelo já ressecado cordão umbilical armazenado em uma caixa de fósforos, cuja marca nem existe mais; o anel feito com o ouro derretido das alianças da mãe e do pai, hoje separados, são alguns exemplos de como os objetos compõem a existência humana de modo intenso, extrapolando sua função utilitária ou estética.

Podemos, a título de provocação, propor que a humanidade não teve origem com a invenção da técnica, mas com os usos e sentidos criados “com” e “a partir” do surgimento dos primeiros objetos. Estes primeiros artefatos foram um divisor de águas, não apenas sob o ponto de vista da técnica (que requalifica o próprio uso do tempo), mas também, e desde então, sob o aspecto da identificação de si a partir daquilo que é produzido, e em relação à produção do outro. A partir do momento em que os seres humanos passam a se identificar como capazes de gerar coisas, foi uma questão de tempo até que os objetos passassem de utilitários a objetos de desejo e de consumo. Pensando desta forma, o aprimoramento das relações com os objetos ao longo do tempo é uma característica evolutiva – se assim podemos chamar sem incorrer no risco de sermos rotulados como evolucionistas – que ainda prevalece nas sociedades pós-

modernas e contemporâneas. O homem continua a se identificar pelos seus objetos e a lhes atribuir valores diversos.

Acho que sequer sou capaz de dizer a idade deste cordão. Verdade seja dita, o cordão, em si, é relativamente novo, 1 ou 2 anos talvez. O pingente por outro lado, deste sim não sou capaz de dizer a idade com exatidão. Ganhei-o de meu irmão, a uns 15, talvez 20 anos atrás. Na época ele cursava um destes cursos de engenharia, acho que mecânica e, se me lembro bem, o fez com “as próprias mãos”.

[...] forçando o olhar é possível perceber que esse pingente foi, em outros tempos, uma moeda de 400 réis. Datada de 1901, na verdade. Quando o ganhei, lembro-me bem, o tempo e o uso ainda não haviam subjogado suas características físicas mais distintivas. A pele e o suor ainda não haviam removido suas saliências, mais ou menos como a vida faz conosco, “polido suas arestas” até seu presente estado de disco fino e irregular, recortado em forma de pássaro.

Enfim, imagino que para alguns numismáticos mais ortodoxos pode parecer um disparate as transformações aplicadas sobre este objeto de mais de 100 anos – que talvez até pudesse ser uma moeda digna de algumas coleções. Outros podem achar estranho que eu diga que este pingente foi uma moeda, e não que esta moeda é um pingente, pois aqui sim a ordem dos tratores altera a colheita.

Mas a verdade é que não acho que importa muito o que este objeto foi, e sim o que ele é. E ele é, para mim, além de lembrete daquilo que ficou para trás, a materialização daquela sensação de que “nem tudo está perdido”. É, ao mesmo tempo, lembrete de que coisas mudam, perdem e ganham valor.

(B. L. R. Museu das Coisas Banais, 30 mar 2015).



Figura 3 - Moeda de 400 réis. Museu das Coisas Banais, 2015.

Sem esforço percebemos que a narrativa íntima e aquela familiar ou comunitária quase sempre são referenciadas por esses elementos, aparentemente inócuos, que dizem tanto de nós. Fotografias, suvenires, diários, mas também, um ângulo da casa, ou de um espaço público, artigos que endossamos, são elementos do cotidiano que servem como dispositivos memoriais.

Quando vestimos aquele sapato comprado na feira da rua tal, vestimos com ele a história daquele dia, daquela viagem, dos encontros e dos sentimentos provados, dos lugares percorridos.

Neste sentido, percebe-se que a mente humana, embora preserve com mais ênfase memórias fortes, memórias provocadas por impactos emocionais significativos, possui um sistema de registro das lembranças apoiado no ordinário, em elementos tornados familiares pela convivência, em coisas banais.

Destarte, mais que pensar “a vida social das coisas” (APPADURAI, 2003), é indispensável pensar as coisas sob o ponto de vista das emoções, ou seja, numa dinâmica menos material e mais subjetiva que permita pensar a relação de afetividade que se estabelece com os objetos a ponto de se compreender as relações humanas por eles permeadas. Para Proust (1956, p. 45), em “O caminho se Swann”, a “busca pelo tempo perdido” pode ser exitosa se for possível o encontro com um objeto do passado. O autor afirma ser inútil tentar evocar a memória pela inteligência, já que o passado estaria fora deste domínio racional, muito mais mediada pelo afeto que os objetos podem despertar. Assim, a memória está impregnada na vida cotidiana em relação aos objetos em tal medida, que o homem pode pontuar o tempo a partir deles. Neste sentido, o relógio de Baudrillard, ao assumir feições antropomórficas, indica a “presença da duração” que cumpre uma função estabilizadora frente ao tempo que passa: “O relógio é um coração mecânico que nos tranquiliza a respeito de nosso próprio coração (BAUDRILLARD, 2009, p.30).

Construímos mapas identitários aonde depositamos/distribuímos nossas memórias e as reorganizamos como em um mosaico temporal.

A cartografia das nossas vidas é impregnada de traços e registros dos mais conscientes aos mais primitivos, do tipo: “estive aqui”. Toda a ação do homem sobre a natureza, quer se transforme em algo material ou não, tem um produto que funciona como marco de sua experiência e existência (HALBWACHS, 2004). É nestes marcos materiais ou imateriais, que podemos igualmente chamar “objetos”, que o homem se exprime, se regozija, saúda, festeja, e recria a si próprio.

Conclusões

O desconforto denunciado por Walter Benjamin ao identificar a reprodução em massa possibilitada pelo surgimento da fotografia no século XIX e o compartilhamento como um estopim para a “perda da aura” (BENJAMIN, 1984) antecipava os fantasmas da revolução industrial que assombraram e assombram as sociedades moderna e pós-moderna. A perda da aura nas sociedades industriais seria provocada pela perda da individualidade e pela perda do particular em detrimento do universal. A banalização do consumo e do descarte de objetos e a naturalização do consumo de objetos “modernos” em detrimento dos antigos parece ter caminhado depressa para um abismo de excessos contemporâneos. As pessoas querem integrar o progresso e ser beneficiadas pelo conforto prometido pelos novos objetos. Por outro lado, uma contra corrente parece estar se formando e crescendo no sentido da revalorização dos objetos do passado a partir da memória e da afetividade vinculada aos objetos. Os motivos que levam a este retorno, podem ser: nostalgia, moda, estética, afetividade, seguidos de critérios de seleção e discursos diversos que carecem de investigação.

Ao considerar preservável todo e qualquer objeto portador de memória e formador de identidades, o MCB põe em xeque a questão do valor e propõe uma requalificação das discussões sobre a “formação de acervos” e de “reconhecimento” sob a lente do patrimônio cultural; propõe a desnaturalização da categoria “patrimônio”; e aproxima o público do museu a partir de uma proposta de aquisição colaborativa.

Democratizar o museu é uma forma de fazer uso da categoria patrimônio para “agir” em favor da redução das distâncias e das diferenças, com a maior participação dos visitantes, que em outras palavras passam a habitar este espaço virtual ubíquo, potente em possibilidades em constante “devir” (LEVY, 2010). A característica virtual do MCB dialoga com a proposta de uma antropologia da sobre modernidade, onde os lugares de fluxo nem sempre são estáticos, mas lugares de transição, ou de deslocamento, os “não-lugares” (AUGÉ, 2005, p.33), espaços simbólicos de comunicação para muitas memórias com origens e destinos diversos. Da mesma forma que o acervo assume um caráter familiar, pois diz respeito a elementos comuns, também está dentro das nossas casas, em nossos dispositivos móveis, que como próteses e extensões de nossos corpos, nos permitem passeios e atuações adaptáveis e ilimitadas, uma vez conectados.

Finalmente, fotografia e narrativa escrita enfatizam, por meio de sinais e marcas, a presença de um tempo transcorrido, do qual os objetos são suporte. Longe de ser um museu de verdades cristalizadas e expostas a partir de objetos, o MCB se apresenta como uma instituição de guarda, exposição, ensino, pesquisa e entretenimento, que só é possível a partir da valorização de experiências diversas, cujo fio conector é a memória afetiva. Deste modo, o caráter de raridade do bem preservado pelo museu é relativizado, e redimensionado, pois raro, nesta perspectiva, é considerado tudo aquilo que integra a vida cotidiana, após ter participado do passado ligeiramente recuado, e constitui-se num elo com o passado a partir de sua presença. Uma forma de retorno da aura?

Referências

APPADURAI, Arjun. **The social life of things: commodities in cultural perspective**. USA: Cambridge University Press, 2003.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma Antropologia da sobre modernidade**. Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Graus editora, 2005.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. Tradução: Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução**. Textos escolhidos. São Paulo: Abril cultural, 1983.

BALLART HERNÁNDEZ, Joseph; TRESSERAS, Jordi Juan i. **Gestión del patrimonio cultural**. Barcelona: Ariel, 2007.

BAZIN, German. **El tiempo de los museos**. Daimon: Barcelona, 1969.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CANDAU, Joel. **Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial:** memória, tradição e identidade. Revista memória em rede. V. 1, n.1, Pelotas, 2009. Disponível em: <<http://lasmic.unice.fr/PDF/candau-article-10.pdf>>. Acesso em: 05 jun 2015.

DEBARY, Octave; GABEL, Philippe. **Seconde main et deuxième vie** In Mélanges de la Casa de Velázquez: L'objet de main en main. Nouvelle série, 40 (1), 2010, p 123-142, mis en ligne le 15 avril 2012. Disponível em: <<http://mcv.revues.org/3343>>. Acesso em: 12 jun 2015.

FERREIRA, Leticia Mazzuchi. **Memória e velhice: do lugar da lembrança.** In: LINS DE BARROS, Myrian Moraes. Org. **Velhice ou terceira idade?:** estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria.** Traduzido por: Manuel A. Baeza y Michel Mujica. Barcelona: Anthropos editorial, 2004.

LATOUR, Bruno. **Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático).** Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/90-DIALOGUE-POR.pdf>>. Acesso em: 14 jun 2015.

LÉVY, Pierre. **Qu'est-ce que le virtuel ?** In **Sur les chemins du virtuel.** 2007. Disponível em <<http://hypermedia.univ-paris8.fr/pierre/virtuel/virt0.htm>>. Acesso em: 14 jun 2015.

LERSCH, Teresa Morales; OCAMPO, Cuauhtémoc Camarena. **O conceito de museu comunitário:** história vivida ou memória para transformar a história? Conferência apresentada na mesa redonda "Museos: nuestra historia viviente", en la Conferencia Nacional de la Asociación Nacional de Artes y Cultura Latinas, Kansas City, Missouri, 6-10 octubre, 2004.

MUSEU DAS COISAS BANAIAS (MCB) <<http://wp.ufpel.edu.br/museudascoisasbanais/category/acervo/>>. Acesso em: 15 jun 2015.

POMIAN, Krzysztof. **Coleção.** In: Enciclopédia Einaudi, volume 1, Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997.

POULOT, Dominique. **Museu e Museologia.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ROCHE, Daniel. **História das Coisas Banais. Nascimento do consumo séc. XVII-XIX.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

PROUST, Marcel. **No caminho de Swann** In Em busca do tempo perdido. Tradução de Mario Quintana. Porto Alegre: Editora Globo, 1956.

RÉGIS, Francisco. **A danação do objeto.** Chapecó editora Argos, 2004.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Editora Unicamp, 2010.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local.** Porto Alegre: Medianiz, 2012.